

A PRÁTICA NA MATA ATLÂNTICA: I JORNADA SOCIOAMBIENTAL CTURIANA

Carol Fiorini Ramos Giovanini¹, Leilene dos Anjos Rosa¹, Cássio de Almeida Pires², Leticia Castro Nogueira³, Osmar de Freitas Neves Junior³, Camila de Almeida Pires⁴.
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Br 465, km7, Seropédica, Rio de Janeiro, Cep-23.897-000, x_cassio@hotmail.com, ¹Discente do curso de Técnico em Meio Ambiente, ²Discente do curso de Bacharelado em Geologia, ³Discente do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal, ⁴Docente do curso de Técnico em Meio Ambiente do Colégio Técnico da Universidade Rural - CTUR).

RESUMO

Com o objetivo de promover melhor abordagem e aprendizagem dos conceitos ambientais, foi realizado no período de 13 a 18 de fevereiro de 2016 a I Jornada socioambiental organizada pelos estudantes do curso técnico de Meio Ambiente do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR/UFRuralRJ). Como forma de praticar os conceitos teóricos obtidos durante o evento, bem como aqueles adquiridos ao longo do curso técnico, os alunos realizaram uma visita técnica para o Centro de Pesquisas Iracambi, localizado no município de Rosário da Limeira-MG. Os alunos vivenciaram oficinas voltadas para a prática ambiental, debates sobre mudanças climáticas, assim como os projetos de pesquisas realizados pelo Centro na Serra do Brigadeiro. O evento foi fundamental para elucidar questões em diversos eixos pedagógicos: corpo, arte e relações sociais, integração com os alunos, questões ambientais atuais, prática ambiental e atuação técnica, comunicação e linguagens.

Palavras-chave: Educação ambiental, CTUR, meio ambiente, integração social.

INTRODUÇÃO

Atualmente, discute-se na sociedade as diversas dimensões da área ambiental, mas principalmente as que envolvem as ações humanas na natureza juntamente com o amplo debate sobre soluções que integram o desenvolvimento ecologicamente sustentável e a educação ambiental.

Podemos definir os conflitos socioambientais como disputas entre grupos sociais derivadas dos distintos tipos de relação que eles mantêm com seu meio natural. O conceito socioambiental engloba três dimensões básicas: o mundo biofísico e seus múltiplos ciclos naturais, o mundo humano e suas estruturas sociais, e o relacionamento dinâmico e interdependente entre esses mundos (Little, 2001). A juventude precisa não só entender e acompanhar questões ambientais do cotidiano, como também se inserir em debates que vão de encontro com as iniciativas e potencialidades que buscam resgatar o protagonismo dos jovens (do campo e da cidade) para buscar alternativas para solucionar os principais desafios acumulados.

Como forma de inserção dos jovens nesse espaço de questionamento sobre o futuro da área ambiental, estuda-se a possibilidade de aprender através da troca de conhecimentos, onde os participantes compartilham seus saberes e experiências, dando forma a uma educação sem hierarquias que promove a interação e a reflexão sobre o assunto tratado. Em uma sociedade na qual as mudanças mais importantes se produzem por meio da deliberação coletiva e onde as reavaliações devem basear-se no consentimento e na compreensão intelectual, deve-se desta forma, desenvolver um sistema completamente novo de educação; um sistema que concentre suas maiores energias no desenvolvimento de nossos poderes intelectuais e dê lugar a uma estrutura mental capaz de resistir ao peso do ceticismo e de fazer frente aos movimentos de pânico quando soe a hora do desaparecimento de muitos dos nossos hábitos mentais (Mannheim, 1962).

A educação acontece como parte da ação humana de transformar a natureza em cultura, atribuindo-lhe sentidos, trazendo-a para o campo da compreensão e da experiência humana de estar no mundo e participar da vida. Neste sentido, o educador de um modo geral, mais especialmente o educador ambiental, é, por “natureza”, um intérprete, não apenas porque todos os humanos o são, mas também por ofício, uma vez que educar é ser mediador, tradutor de mundos. Ele está sempre envolvido na tarefa reflexiva que implica provocar outras leituras da vida, novas compreensões e versões possíveis sobre o mundo e sobre nossa ação no mundo (Carvalho, 2004). A educação ambiental tem o papel de estimular novos olhares dentro do contexto socioambiental, seja ele um olhar mais técnico, um olhar mais sensível ou uma combinação dos dois, portanto é de extrema importância que a experiência prática esteja inserida na metodologia de ensino, por exemplo, na forma de viagem técnica.

Os objetivos de vivências práticas giram em torno da necessidade de aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos, oportunidade de realizar pesquisa de campo e melhor entendimento e fixação do conteúdo abordado. Além disso, visa-se a criação de um espaço de construção social, diálogo e expressão para promover reflexões e questionamentos.

METODOLOGIA

No período de 13 a 18 de fevereiro de 2016, os estudantes do curso técnico de Meio Ambiente do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR/UFRuralRJ), organizaram a I Jornada Socioambiental Cturiana, buscando explorar melhor o potencial educacional dos alunos, bem como reavaliar conceitos teóricos sobre o cotidiano da sociedade e o meio ambiente. Desta forma, foi realizada a visita técnica para o Centro de Pesquisas Iracambi, localizado no município de Rosário da Limeira, MG.

Os alunos dividiram-se em atividades distintas e operacionais (comunicação, pedagogia, infraestrutura e outras), promovendo a integração e ampliando o potencial de planejamento e gestão do evento.

No Centro de Pesquisa Iracambi, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar a cultura dos povos de campo que habitam unidades de conservação, aprofundaram o ponto de vista técnico/profissional, sobre a Mata Atlântica e estimularam um olhar mais sensível e dinâmico para as relações humanas dentro de um ambiente ecológico.

O Centro de Pesquisas Iracambi está localizado na Serra do Brigadeiro. Este Parque Estadual abriga de forma considerável áreas remanescentes de floresta semi-decídua da Mata Atlântica no estado de Minas Gerais. “Nos dias de hoje, essas comunidades buscam a preservação de sua cultura e de seus hábitos em ambientes que muitas vezes se encontram dentro de Unidades de Conservação (UC)” (Bensusan, 2006).

A Amigos de Iracambi é uma Organização da Sociedade Civil Pública - OSCIP – brasileira, localizada em um dos principais “hotspots” de biodiversidade do mundo, a Mata Atlântica brasileira. Tem o objetivo de descobrir melhores caminhos para cuidar da floresta e proteger uma extraordinária biodiversidade, ao mesmo tempo em que gera renda baseada na floresta e eleva os padrões de vida das comunidades locais. A unidade de conservação também fornece um amplo trabalho de ecoturismo e educação ambiental (Souza, 2014).

No primeiro dia (16/02/16) em Iracambi, os organizadores e fundadores do Centro de Pesquisa apresentaram a história e a formação do local, contaram suas experiências de vida, e suas justificativas para o desenvolvimento do trabalho em Iracambi, debateram com os alunos pensamentos sobre a vida de ambientalistas, os objetivos profissionais, desafios e barreiras encontradas para a realização dos trabalhos ao longo dos anos, além das propostas e abordagens com a comunidade sobre a recuperação de nascentes na região.

Em 17 de fevereiro de 2016, foram desenvolvidas oficinas práticas que envolviam os alunos e os “monitores” do Centro de Pesquisa. Esses monitores, na verdade são colaboradores locais de Rosário de Limeira e de diferentes partes do mundo e de diversas áreas, incluindo pessoas da Irlanda, Estados Unidos e outros. Os alunos, então, foram divididos em grupos através de sorteios, possibilitando homogeneizar de forma democrática os participantes.

Neste segundo dia, os alunos realizaram três atividades diferentes: monitoramento florestal, recuperação de área degradada e observação de borboletas como bioindicadores naturais.

A atividade de monitoramento florestal direciona-se a avaliar, em uma determinada área, as atuais condições das espécies que ali vivem e se necessário catalogar novas plantas do local, descrevendo diâmetro das árvores, se ainda estão vivas ou não. A importância da realização desse tipo de atividade na I Jornada se deve ao fato de que mercado de trabalho do Técnico em Meio Ambiente busca profissionais aptos e experientes em atividades de campo como essa.

A segunda atividade consistiu levar os alunos para a Mata Atlântica do local, promovendo o replantio de 250 mudas de espécies nativas cultivadas no viveiro de Iracambi (figura 1), neste momento, os alunos realizaram uma trilha ecológica, recebendo informações sobre os trabalhos desenvolvidos e importância dos projetos de recuperação de áreas degradadas, os manejos a serem adotados entre outras, conforme Figura 2.



Figura 1: Produção de mudas de espécies nativas da mata atlântica no viveiro de Iracambi.



Figura 2: Plantio e manejo de espécies nativas da Mata Atlântica realizado com os alunos do colégio CTUR-UFRuralRJ, muda cultivada no viveiro do Centro de Pesquisa Iracambi – MG.

Na oficina de observação de borboletas, ministrada por um biólogo e colaborador também de Iracambi, tratou-se aspectos teóricos e práticos, sendo dividida em três partes. A primeira parte foi realizada no laboratório do Centro de Pesquisa, onde foram explorados os aspectos biológicos e morfológicos das borboletas. Após o conhecimento teórico, os grupos tiveram a oportunidade de observar as borboletas em trilhas do local, finalizando com a preparação de relatórios para registro das espécies observadas.

Ainda no segundo dia, após o encerramento das oficinas, todos os membros se juntaram para realizar um debate sobre as mudanças climáticas que estão afetando todas as partes do mundo. Essa discussão abriu espaço para reflexões mais profundas acerca do comportamento da sociedade dentro do atual sistema político, econômico e social, além das atitudes individuais que afetam o planeta.

Todas as atividades foram registradas com auxílio da equipe de mídia, buscando registrar de forma detalhada o comportamento social entre os participantes da visita, bem como as atividades e conhecimentos vividos. Coletando depoimento de todas as pessoas que participaram de forma direta e indireta da jornada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A realização da viagem técnica para o Centro de Pesquisas Iracambi como parte do objetivo prático da I Jornada Socioambiental aprofundou o olhar particular de cada aluno em relação ao ponto de vista técnico, onde ele adquiriu conhecimento científico e aprimorando sua formação ambiental, ampliando também contextos socioculturais.

A união das experiências práticas científicas com as experiências sociais vivenciadas em grupo trouxe um espaço voltado para o diálogo e, posteriormente, para que cada um tenha suas próprias reflexões e faça uma avaliação individual sobre seus aprendizados, valores e hábitos.

A troca de saberes e a integração entre os participantes extrapolaram os conteúdos previstos na programação da viagem e se deu principalmente no diálogo, na elaboração de matérias, nas intervenções artísticas, no respeito ao local, no cuidado com a casa onde se hospeda, na escuta atenta de quem por décadas constrói sua vida baseada nas necessidades do ambiente e em tantos outros momentos em que foi possível construir um novo ponto de vista.

Essa tarefa promoveu o trabalho em equipe acerca de conservacionismo, preservacionismo e ações antrópicas. Fora isso, a interação que um plantio proporciona é imensa, visto que é necessária a colaboração e integração de todos do grupo desde o manejo das ferramentas até a realização da trilha.

Durante toda a I Jornada Socioambiental, foram trabalhados os aspectos da área ambiental, mas buscou-se também explorar as relações sociais. Na viagem técnica, além da colocação dos debates como oportunidades de reflexão, foram realizadas atividades voltadas para o campo das artes e das expressões: as oficinas de yoga tinham como objetivo estudar a relação entre corpo, mente e meio promovendo a integração do grupo, já durante à noite foram feitos espaços voltados para música e dança como forma de expressão artística.

CONCLUSÃO

Desta forma, a metodologia pedagógica utilizada pelos jovens organizadores do evento aumentou exponencialmente a possibilidade de se gerar e difundir esclarecimentos positivos, sobretudo em relação ao amadurecimento da educação ambiental dos envolvidos. O consórcio teoria/prática se mostrou eficiente, visto a abordagem dos alunos antes, durante e depois das atividades.

As demandas sociais de mercado estão cada vez mais exigentes, a partir do ponto de vista de qualificação profissional. Por outro lado, cada vez mais também tem se camuflado as preocupações socioambientais.

Este evento, promoveu intenso amadurecimento de todos os envolvidos no trabalho, levou os alunos a entenderem a importância da realização de vivências de campo, e abordagem de questões teóricas. Nesse momento então, nasceu o grupo de extensão Tucunaré, criado pelos alunos participantes da jornada, ampliando a agregação de participantes de outros cursos técnicos presentes no colégio, como os cursos de Agroecologia, Agrimensura, Hospedagem e até mesmo os alunos que só cursavam o ensino médio. O objetivo do Grupo Tucunaré era de realizar encontros periódicos, com a realização de palestras ministradas com profissionais de diferentes áreas, assim como minicursos e visitas técnicas, onde seria possível abordar questões ambientais, socioeconômicas, e outras. O Grupo Tucunaré realizou seu trabalho durante todo o período de 2016, agregando na rotina do colégio CTUR-UFRuralRJ, o espírito de coletividade e responsabilidade, pois todas as tarefas eram divididas dentro do grupo, com um eficiente sistema de gestão promovido pelos próprios, aproximando os estudantes de diferentes cursos, no mesmo propósito, difundir conhecimento e ultrapassar os muros do colégio, contando com o apoio e participação de alunos de graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, de cursos de Geologia, Biologia, Agronomia, Engenharia Florestal, e outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bensusan N (2006) Conservação da biodiversidade em áreas protegidas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 176 p.
Carvalho ICM (2004) Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. 1ed. São Paulo: Cortez, 256 p.
Little PE (2001) Os Conflitos Socioambientais: um campo de estudo e de ação política. In: BURSZTYN, M. A difícil sustentabilidade. Rio de Janeiro: Garamond. 107-122 p.
Mannheim K (1962) Introdução à sociologia da educação. 5ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
Souza MFR (2014) Política Pública para Unidades de Conservação no Brasil: Diagnóstico e propostas para uma revisão. Rio de Janeiro: Lumen Juris.